



**TEXTO PARA DISCUSSÃO N° 472**

**FLUXOS MIGRATÓRIOS INTRAMETROPOLITANOS: O CASO DA REGIÃO  
METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, 1970-2010**

**Breno Aloísio T. Duarte de Pinho  
Fausto Brito**

**Abril de 2013**

Ficha catalográfica

Pinho, Breno A. T. D.  
B862f Fluxos migratórios intrametropolitanos : o caso da região  
2013 metropolitana de Belo Horizonte, 1970-2010 / Fausto Brito, Breno  
Aloísio T. Duarte de Pinho. - Belo Horizonte :  
UFMG/CEDEPLAR, 2013.  
23 p. : il. - (Texto para discussão, 472)  
  
Inclui bibliografia.  
  
1. Migração interna - Belo Horizonte, Região Metropolitana de  
(MG) I.Pinho, Breno Aloísio T. Duarte de. II.Universidade Federal  
de Minas Gerais. Centro de Desenvolvimento e Planejamento  
Regional. III.Título. IV.Série.  
  
304.8098151

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da FACE/UFMG - JN 028/2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL**

**FLUXOS MIGRATÓRIOS INTRAMETROPOLITANOS: O CASO DA REGIÃO  
METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, 1970-2010**

**Breno Aloísio T. Duarte de Pinho**

Doutorando em Demografia pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da UFMG

**Fausto Brito**

Professor e pesquisador do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional / Departamento de Demografia da UFMG

**CEDEPLAR/FACE/UFMG  
BELO HORIZONTE  
2013**

## SUMARIO

1. INTRODUÇÃO .....	6
2. URBANIZAÇÃO E METROPOLIZAÇÃO NO BRASIL .....	6
3. A METROPOLIZAÇÃO DE BELO HORIZONTE .....	9
4. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS.....	11
5. MIGRAÇÕES INTRAMETROPOLITANAS NA RMBH, 1970-2010.....	12
5.1 Migrações intrametropolitanas, 1980 .....	14
5.2 Migrações intrametropolitanas, 1991 .....	15
5.3 Migrações intrametropolitanas, 2000 .....	16
5.4 Migrações intrametropolitanas, 2010 .....	18
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21
APÊNDICE .....	23

## RESUMO

As migrações intrametropolitanas são parte do processo de expansão urbana das metrópoles brasileiras. As trocas demográficas metropolitanas, entre núcleo e periferia, contribuíram, de maneira importante, para a trajetória da periferização da população metropolitana. Este artigo tem o objetivo de analisar a evolução dos fluxos migratórios intrametropolitanos na Região Metropolitana de Belo Horizonte, com base nos dados dos Censos Demográficos dos anos de 1980, 1991, 2000 e 2010. A partir das unidades espaciais constituídas pelo núcleo metropolitano e pelos vetores de expansão urbana metropolitanos, são traçadas as principais tendências desses fluxos migratórios. Os resultados mostram que as migrações, no interior da área metropolitana, foram orientadas, principalmente, no sentido núcleo-periferia, mas com diferenças importantes entre os vetores de expansão urbana, quanto à força de atração dos fluxos. As migrações de sentido periferia-núcleo e periferia-periferia ganham intensidade e diversificam a orientação dos fluxos migratórios intrametropolitanos.

*Palavras-chave:* migrações intrametropolitanas, Região Metropolitana de Belo Horizonte, vetores de expansão urbana metropolitanos.

## ABSTRACT

The intra-metropolitan migrations are part of the urban expansion of Brazilian metropolises. The demographic metropolitan exchanges between core and periphery contributed so importantly to the trajectory of the metropolitan population peripheral. This article aims to analyze the evolution of intra-metropolitan migration flows in the metropolitan region of Belo Horizonte based on data from 1980, 1991, 2000 and 2010 population censuses. As from the metropolitan core and the urban expansion metropolitan vectors are outlined the main trends of these flows. The results show that migration within the metropolitan area was oriented mainly towards core-periphery, but with important differences between urban expansion vectors, as to the force of attraction flows. The migrations towards periphery-periphery and periphery-core gain intensity and diversify the direction of intra-metropolitan migration.

*Palavras-chave:* intra-metropolitan migration, metropolitan region of Belo Horizonte, urban expansion metropolitan vectors.

*JEL:* Y80

## 1. INTRODUÇÃO

O acelerado processo de urbanização do Brasil foi marcado pela concentração espacial da população urbana em áreas metropolitanas. Apesar de a rede urbana brasileira ter ampliado suas articulações nas últimas décadas, com o desenvolvimento de aglomerações urbanas e cidades médias no interior do país, a concentração das atividades econômicas e da população nos espaços metropolitanos ainda é uma de suas características.

Nas principais áreas metropolitanas brasileiras, o processo de periferação da população é um traço marcante na trajetória da distribuição espacial da população. O característico crescimento demográfico das periferias, em um ritmo desigual e superior aos respectivos núcleos metropolitanos, é explicado, em parte, pelas migrações intrametropolitanas, cujo padrão é marcado pela dominância das transferências de população dos núcleos para as periferias (BRITO; SOUZA, 2005; BRITO, 2007).

Tendo em vista a importância das migrações intrametropolitanas para as mudanças na distribuição espacial da população das áreas metropolitanas, este artigo tem o objetivo de analisar a evolução dos fluxos migratórios intrametropolitanos na Região Metropolitana de Belo Horizonte<sup>1</sup>. São utilizados os dados da amostra dos Censos Demográficos dos anos de 1980, 1991, 2000 e 2010. Os fluxos migratórios são analisados a partir das unidades espaciais constituídas pelo núcleo metropolitano e vetores de expansão urbana metropolitanos.

Este artigo está organizado em seis seções. Na seção dois, são discutidas as principais características do processo de metropolização do Brasil. Na seção três, contextualiza-se o processo de metropolização de Belo Horizonte. A seção quatro traz os apontamentos metodológicos. Na seção cinco, são examinados os fluxos migratórios intrametropolitanos com base nos resultados dos censos demográficos. A última parte traz as considerações finais.

## 2. URBANIZAÇÃO E METROPOLIZAÇÃO NO BRASIL

Na segunda metade do século XX, o processo de urbanização do Brasil seguiu em ritmo acelerado e a transição de uma sociedade rural para uma sociedade urbana foi marcada pela metropolização, ao passo que o processo de urbanização se caracterizou também pela concentração da população em áreas metropolitanas (BRITO, 2007; MARTINE; MCGRANAHAN, 2010).

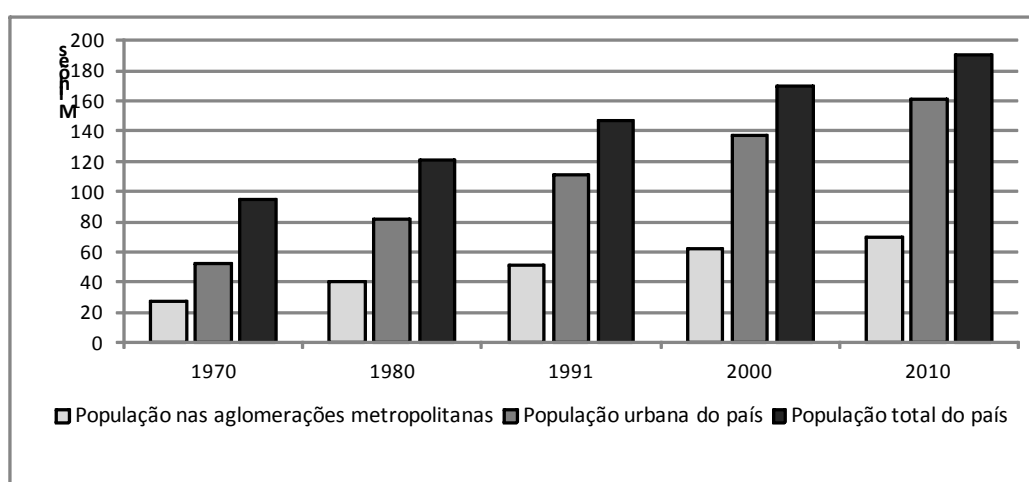
---

<sup>1</sup> Conforme a Lei Complementar Estadual 89/2006, a Região Metropolitana de Belo Horizonte é composta por 34 municípios - Belo Horizonte, Betim, Caeté, Contagem, Ibité, Lagoa Santa, Nova Lima, Pedro Leopoldo, Raposos, Ribeirão das Neves, Rio Acima, Sabará, Santa Luzia, Vespasiano, Brumadinho, Esmeraldas, Igarapé, Mateus Leme, Juatuba, São José da Lapa, Confins, Mário Campos, São Joaquim de Bicas, Sarzedo, Florestal, Rio Manso, Baldim, Capim Branco, Itaguara, Nova União, Matozinhos, Jaboticatubas, Taquaraçu de Minas e Itatiaiuçu - e conta com um colar metropolitano, composto por 14 municípios do entorno da região metropolitana - Barão de Cocais, Belo Vale, Bonfim, Fortuna de Minas, Funilândia, Inhaúma, Itabirito, Itaúna, Moeda, Pará de Minas, Prudente de Moraes, Santa Bárbara, São José da Varginha e Sete Lagoas. Neste artigo, o exame das migrações intrametropolitanas respeitará a atual composição de municípios, sem incluir o colar metropolitano.

Na evolução recente da população brasileira, conforme se pode notar no Gráfico 1, a seguir, a população concentrada nas aglomerações metropolitanas<sup>2</sup> aumentou em termos absolutos, passando de 27,2 milhões de pessoas para 69,8 milhões, entre os anos de 1970 e 2010.

No ano de 1970, quase metade da população urbana do Brasil estava reunida nas aglomerações metropolitanas, proporção que se reduz nos anos seguintes (GRÁFICO 1). Entretanto, deve-se destacar que a tendência de redução da participação das aglomerações metropolitanas sobre a concentração da população urbana brasileira não retirou a importância dessas áreas sobre a distribuição espacial da população do país.

**GRÁFICO 1**  
– Distribuição da população brasileira, anos censitários de 1970 a 2010



Fonte: Elaborado a partir dos dados dos Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000, 2010 - IBGE/SIDRA.

Na Tabela 1, a seguir, apresentam-se as taxas de crescimento das aglomerações metropolitanas brasileiras, calculadas para o conjunto metropolitano e seus respectivos núcleos e periferias. Consoante os dados da Tabela, observa-se que, entre os anos de 1970 e 2010, há uma trajetória de declínio nas taxas de crescimento populacional das aglomerações metropolitanas.

Entre os fatores associados à redução do ritmo de crescimento demográfico das áreas metropolitanas, devem ser destacados o declínio das taxas de fecundidade e as mudanças nos padrões das migrações internas, as quais estão associadas ao processo de reestruturação econômica e desconcentração espacial das atividades produtivas em direção ao interior do país (BAENINGER, 2010; MARTINE; MCGRANAHAN, 2010).

<sup>2</sup> As aglomerações metropolitanas em questão foram enumeradas a partir do estudo realizado por Moura *et al.* (2009), o qual apontou a existência de 15 metrópoles na hierarquização da rede urbana brasileira. A partir das metrópoles identificadas, as aglomerações metropolitanas foram padronizadas pela atual composição de municípios, conforme estabelecido pelas leis estaduais e federais em vigor no ano de 2010, apuradas por IBGE (2011). O conjunto das aglomerações metropolitanas é composto pelas Regiões Metropolitanas do Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Belém (PA), Fortaleza (CE), Recife (PE), Salvador (BA), Belo Horizonte (MG), Curitiba (PR), Porto Alegre (RS), Campinas (SP), Goiânia (GO), Grande Vitória (ES), Manaus (AM) e Florianópolis (SC) e pela Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal (DF/GO/MG). Deve-se observar que os municípios do Colar Metropolitano, no caso da RM Belo Horizonte, e os municípios da Área de Expansão Metropolitana, no caso da RM Florianópolis, não foram incorporados à composição das respectivas aglomerações metropolitanas.

**TABELA 1**

**Taxa de crescimento das aglomerações metropolitanas brasileiras, segundo núcleo e periferia - 1970 a 2010**

Aglomerações metropolitanas	Taxa anual de crescimento											
	1970-1980			1980-1991			1991-2000			2000-2010		
	Total	Núcleo	Perif.	Total	Núcleo	Perif.	Total	Núcleo	Perif.	Total	Núcleo	Perif.
RM São Paulo	4,5	3,7	6,3	1,9	1,2	3,2	1,7	0,9	2,8	1,0	0,8	1,3
RM Rio de Janeiro	2,4	1,8	3,4	1,0	0,7	1,5	1,2	0,8	1,7	0,9	0,8	1,0
RM Belo Horizonte	4,5	3,7	6,3	2,5	1,2	4,8	2,4	1,2	3,9	1,1	0,6	1,7
RM Porto Alegre	3,5	2,4	4,5	2,5	1,1	3,5	1,6	0,8	2,1	0,6	0,4	0,8
RIDE Distrito Federal	7,1	8,2	4,3	3,3	2,8	4,6	3,6	2,8	5,5	2,3	2,3	2,4
RM Recife	2,7	1,3	4,4	1,9	0,7	2,9	1,5	1,0	1,9	1,0	0,8	1,2
RM Fortaleza	4,2	4,3	3,7	3,4	2,8	5,3	2,5	2,2	3,2	1,7	1,4	2,4
RM Salvador	4,3	4,1	5,4	3,1	3,0	3,6	2,1	1,9	3,2	1,4	0,9	2,9
RM Curitiba	5,4	5,3	5,5	2,9	2,3	4,1	3,1	2,1	4,7	1,4	1,0	1,9
RM Campinas	6,5	5,9	7,2	3,5	2,2	4,7	2,6	1,5	3,4	1,8	1,1	2,3
RM Goiânia	5,8	6,5	3,4	3,5	2,3	7,3	3,2	1,9	5,9	2,2	1,8	3,0
RM Manaus	6,4	7,4	2,4	4,3	4,3	4,0	3,7	3,8	3,2	2,5	2,5	2,4
RM Belém	4,3	4,0	7,9	2,9	2,7	4,9	2,8	0,3	12,9	1,3	0,8	2,4
RM Grande Vitória	6,1	4,6	6,7	3,8	2,0	4,4	2,7	1,4	3,0	1,6	1,2	1,7
RM Florianópolis	4,0	3,1	5,2	3,5	2,8	4,1	3,3	3,3	3,3	2,1	2,1	2,2
Total	4,0	3,6	5,0	2,2	1,6	3,3	2,0	1,3	3,0	1,2	1,0	1,5

Fonte: Elaborado a partir dos dados dos Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000, 2010 - IBGE/SIDRA.

Apesar das aglomerações metropolitanas apresentarem uma trajetória de declínio no ritmo de crescimento populacional, deve-se observar que o arrefecimento do crescimento demográfico foi espacialmente desigual, ao passo que as periferias metropolitanas mantiveram níveis de crescimento maiores do que aqueles apresentados pelos respectivos núcleos metropolitanos (TABELA 1).

O crescimento demográfico das periferias, em um ritmo desigual aos respectivos núcleos metropolitanos, se deve, em parte, ao processo de redistribuição espacial da população no interior das áreas metropolitanas, impulsionado pela transferência de população dos núcleos para as periferias (BRITO; SOUZA, 2005).

As migrações intrametropolitanas são parte do processo de expansão urbana das metrópoles brasileiras e estão comumente relacionadas à ocupação dos espaços mais distantes, em relação ao centro metropolitano, pelas camadas mais pobres da população, as quais tendem a ser deslocadas para áreas menos valorizadas, onde comumente prevalecem padrões mais precários de habitação, infraestrutura e serviços urbanos (IPEA; IBGE; UNICAMP, 2001; BRITO, 2007).

Por outro lado, as migrações intrametropolitanas não se resumem a um processo de “periferização da pobreza”. Segundo Correia (1994), as áreas metropolitanas tendem a produzir territórios mais fragmentados, diante do crescimento das novas formas de ocupação dos espaços mais distantes dos antigos centros metropolitanos (condomínios exclusivos, shoppings, etc.), os quais relativizam a centralidade residencial das camadas de maior poder aquisitivo.

Estudos sobre o processo de metropolização de Belo Horizonte, como os realizados por Brito (1996), Brito e Souza (2005), Souza (2005), Souza (2008) e Nunes (2008), demonstram a importância das migrações intrametropolitanas para o crescimento demográfico da periferia metropolitana e, conseqüentemente, revelam o significado da redistribuição espacial da população para o processo de metropolização, ao passo a mobilidade populacional contribui para aprofundar a interação entre os municípios da área metropolitana.



### 3. A METROPOLIZAÇÃO DE BELO HORIZONTE

Conforme se pôde notar na Tabela 1, a taxa de crescimento demográfico da Região Metropolitana de Belo Horizonte apresenta uma trajetória de declínio após a década de 1970. A trajetória de descenso da taxa é comum ao núcleo metropolitano e à periferia. No entanto, a taxa de crescimento populacional da periferia se manteve em um nível superior à taxa do núcleo.

O acelerado ritmo de crescimento demográfico da periferia de Belo Horizonte, assim como em outras aglomerações metropolitanas do país, está associado ao padrão migratório intrametropolitano, marcado pelos saldos migratórios negativos do núcleo metropolitano nas trocas populacionais com sua periferia (BRITO; SOUZA, 2005; BRITO, 2007).

A redistribuição populacional dentro das áreas metropolitanas, promovida pelos fluxos migratórios, ocorre através de mecanismos seletivos de alocação da população, o que resulta, consequentemente, em um crescimento demográfico espacialmente desigual também no interior das periferias metropolitanas. Como analisa Moura (1994), a expansão urbana e o processo de distribuição espacial da população metropolitana reflete, em grande medida, as possibilidades de acesso à moradia.

Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, o processo de expansão da área metropolitana está associado à alocação do setor industrial e ao crescimento da oferta habitacional nas áreas periféricas (MOURA, 1994). Segundo estudos de Brito e Souza (2005), o padrão de expansão urbana de Belo Horizonte pode ser analisado a partir dos *vetores de expansão urbana metropolitanos*, os quais se constituíram seguindo os principais traçados da infraestrutura viária, que articulou Belo Horizonte aos municípios de seu entorno.

Brito e Souza (2005) enumeram seis principais *vetores de expansão urbana metropolitanos*<sup>3</sup>, que, juntos ao núcleo metropolitano, dividem a área metropolitana em sete unidades espaciais. Devido às particularidades da articulação dos municípios periféricos com o núcleo metropolitano, esses vetores apresentam características distintas, participando de forma desigual na trajetória da desconcentração espacial da população metropolitana. As sete unidades do espaço metropolitano são:

- Núcleo metropolitano: unidade composta pelo município de Belo Horizonte.
- Vetor Norte: unidade composta pelos municípios de Baldim, Capim Branco, Confins, Jaboticatubas, Nova União, Lagoa Santa, Matozinhos, Pedro Leopoldo e Taquaraçu de Minas.
- Vetor Norte-Central: unidade composta pelos municípios de Ribeirão das Neves, Santa Luzia, São José da Lapa e Vespasiano.
- Vetor Leste: unidade composta pelos municípios de Caeté e Sabará.
- Vetor Oeste: unidade composta pelos municípios de Betim, Contagem, Ibirité, Mário Campos e Sarzedo.
- Vetor Sul: unidade composta pelos municípios de Brumadinho, Itaguara, Nova Lima, Raposos, Rio Acima, Rio Manso e Itatiaiuçu.
- Vetor Sudoeste: unidade composta pelos municípios de Esmeraldas, Florestal, Igarapé, Juatuba, Mateus Leme e São Joaquim de Bicas.

---

<sup>3</sup> A distribuição dos municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte, entre o núcleo metropolitano e os vetores de expansão urbana metropolitanos, é ilustrada na Figura A1 do apêndice.

Entre os anos de 1970 e 2010, a população residente na Região Metropolitana de Belo Horizonte passou de 1,7 milhão para 4,8 milhões de pessoas. Nesse período, a população de Belo Horizonte passou de 1,2 milhão para 2,3 milhões de pessoas, enquanto a população residente na periferia metropolitana saltou de 489,7 mil pessoas para 2,5 milhões. Em termos percentuais, a periferia metropolitana, que, em 1970, concentrava 28,4% da população metropolitana, passou a concentrar 51,4%, no ano de 2010 (TABELA 2).

**TABELA 2**  
**Distribuição da população da Região Metropolitana de Belo Horizonte, segundo núcleo e periferia – anos censitários de 1970 a 2010**

Unidades espaciais	População total									
	1970		1980		1991		2000		2010	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
Vetor Leste	70.315	4,1	94.840	3,5	122.991	3,5	151.651	3,5	167.019	3,4
Vetor Norte	77.057	4,5	97.294	3,6	130.715	3,7	165.376	3,8	194.428	4,0
Vetor Norte-Central	47.437	2,8	152.188	5,7	336.546	9,6	523.171	12,0	623.585	12,8
Vetor Oeste	168.558	9,8	404.630	15,1	713.197	20,2	1.005.545	23,1	1.179.491	24,2
Vetor Sudoeste	39.732	2,3	56.244	2,1	83.784	2,4	136.260	3,1	177.317	3,6
Vetor Sul	86.691	5,0	95.743	3,6	115.514	3,3	137.413	3,2	166.979	3,4
Periferia	489.790	28,4	900.939	33,6	1.502.747	42,7	2.119.416	48,6	2.508.819	51,4
Belo Horizonte	1.235.030	71,6	1.780.839	66,4	2.020.161	57,3	2.238.526	51,4	2.375.151	48,6
Total	1.724.820	100	2.681.778	100	3.522.908	100	4.357.942	100	4.883.970	100

Fonte: Elaborado a partir dos dados dos Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000, 2010 - IBGE/SIDRA.

Com base nos dados da Tabela 2, verifica-se que o vetor Oeste, seguido pelo vetor Norte-Central, foram as unidades mais afetados pelo processo de periferização da população metropolitana, pois esses dois vetores concentram os maiores incrementos demográficos da periferia, após a década de 1970.

O desenvolvimento do vetor Oeste foi marcado pelo crescimento industrial. Esse vetor, desde a década de 1940, foi alvo de investimentos públicos para o desenvolvimento de uma infraestrutura urbana favorável à expansão dos empreendimentos industriais. Na década de 1970, o setor industrial do vetor ganhou maior impulso com instalação de novas indústrias, com destaque para a implantação da indústria automobilística (BRITO, 1996).

Entre os anos de 1970 e 2010, a população do vetor Oeste passou de 168,5 mil pessoas para 1,1 milhão (TABELA 2). O grande contingente populacional concentrado no vetor não pode ser explicado sem as contribuições dos migrantes intrametropolitanos, atraídos nessa direção pelas oportunidades de emprego, criadas pelo desenvolvimento econômico, e pela oferta imobiliária, voltada para atender, sobretudo, a população de menor poder aquisitivo (BRITO; SOUZA, 2005).

O vetor Norte-Central tem a trajetória de seu crescimento populacional associada à oferta imobiliária, que por meio da expansão dos loteamentos populares e construção de conjuntos

habitacionais estimulou o deslocamento da população mais pobre na direção do vetor (BRITO, 1996). Entre os anos de 1970 e 2010, a população residente nos municípios do vetor passou de 47,4 mil pessoas para 623,5 mil (TABELA 2).

Desde a década de 1940, os investimentos públicos, direcionados a criação das condições de expansão industrial da área metropolitana, foram dirigidos, em parte, para os municípios do vetor Norte-Central, sem, contudo, consolidar uma expansão econômica na mesma intensidade do vetor Oeste (BRITO, 1996; SOUZA, 2008). O Vetor Norte-Central, por ampliar a concentração populacional sem a contrapartida econômica, transformou-se em uma área de cidades-dormitório (PINHO, 2012).

O vetor Norte apresenta, desde a década de 1970, incrementos populacionais de menor número, o que garante ao vetor uma participação pequena sobre a concentração da população metropolitana. Entre os anos de 1970 e 2010, a população residente no vetor passou de 77,0 mil pessoas para 194,4 mil (TABELA 2). As migrações intrametropolitanas em direção ao vetor Norte apresentam menor intensidade, em relação ao vetor Norte-Central, dirigindo-se a essa área devido a oferta de unidades residenciais, voltada principalmente à população das classes média e alta (BRITO; SOUZA, 2005; NUNES, 2008).

O vetor de expansão Leste, entre os anos de 1970 e 2010, passou de uma população de 70,3 mil pessoas para 167,0 mil (TABELA 2). O crescimento demográfico desse vetor foi influenciado principalmente pela oferta imobiliária para a população de menor poder aquisitivo e, sem a contrapartida da expansão econômica, consolidou-se como área dormitório (BRITO, 1996; BRITO; SOUZA, 2005; PINHO, 2012).

O vetor Sul, entre os anos de 1970 e 2010, passou de uma população de 86,6 mil pessoas para 166,9 mil pessoas (TABELA 2). Desde a década de 1980, o vetor Sul é alvo de investimentos imobiliários, destinados, principalmente, à população de maior poder aquisitivo. Os fluxos migratórios intrametropolitanos, em direção ao vetor, apresentam menor intensidade, em relação aos principais vetores de expansão metropolitanos (SOUZA, 2005).

O vetor de expansão Sudoeste, no ano de 1970, tinha uma população de 39,7 mil pessoas, chegando a 177,3 mil, no ano de 2010 (TABELA 2). A integração do vetor à dinâmica metropolitana se associa à influência exercida por Belo Horizonte e pelos municípios do vetor Oeste. As migrações intrametropolitanas, em direção ao vetor Sudeste, associam-se ao incipiente desenvolvimento industrial e à oferta imobiliária, voltada para atender, sobretudo, à população de baixa renda (BRITO; SOUZA, 2005; SOUZA, 2008).

#### **4. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS**

A migração é um deslocamento populacional associado a uma mudança permanente do local habitual de residência, cujo percurso envolve a transposição de unidades espaciais distintas (CARVALHO; RIGOTTI, 1998). As migrações intrametropolitanas, analisadas neste trabalho, se referem aos deslocamentos em que os municípios de origem e destino são, simultaneamente, integrantes da composição da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Para esta análise das migrações intrametropolitanas, são utilizadas as informações de migração de última etapa e data fixa dos Censos Demográficos. A informação da migração de última etapa tem como tempo de referência os últimos dez anos em relação à data do Censo. Nesse caso, os migrantes são aqueles indivíduos que, nesse intervalo de tempo, mudaram de município de residência ao menos uma vez, sendo que, a informação da migração se refere apenas ao último deslocamento realizado pelo indivíduo. Diferentemente da migração de última etapa, a migração de data fixa se refere ao indivíduo que, em uma data pré-determinada, estava residindo em um município distinto daquele de residência na data do censo.

Os quesitos referentes à migração de última etapa foram incluídos nos Censo Demográficos de 1980, 1991, 2000 e 2010. No entanto, no Censo de 2000, o quesito sobre o município de origem do migrante de última etapa não foi incluído entre as informações de migração, o que impede a construção das análises da migração intrametropolitana com base nos dados de última etapa.

Os quesitos referentes à migração de data fixa foram incluídos nos Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010. Nesses censos, as informações de data fixa tiveram como data de referência<sup>4</sup> cinco anos antes da data do Censo. O quesito de data fixa é uma informação para as migrações ocorridas a menos de cinco anos, sendo registrado como município de origem aquele de residência na data pré-determinada.

Deve ser observado que devido à forma do levantamento da informação do local de residência anterior de um migrante, não é necessário que o município de origem do migrante de data fixa corresponda ao município de origem do migrante de última etapa, ainda que as informações de última etapa sejam analisadas em um intervalo de menos de cinco anos. No caso do Censo de 1980, o uso da informação de última etapa, compreendida em um intervalo de cinco anos antes da data do Censo, pode oferecer apenas uma referência para eventuais comparações com as informações de data fixa dos Censos posteriores.

Para as análises da distribuição proporcional dos fluxos migratórios intrametropolitanos, entre o núcleo metropolitano e os vetores de expansão urbana metropolitanos, assume-se, neste trabalho, que as diferenças entre os dados de última etapa e data fixa não apresentam diferenças significativas, capazes de distorcer a distribuição dos fluxos. Portanto, para o exame das direções dos fluxos migratórios, serão utilizadas as informações de última etapa para os Censos de 1980, 1991 e 2010, e, no Censo de 2000, devido às restrições de informação desse Censo, serão utilizados os dados de data fixa.

## **5. MIGRAÇÕES INTRAMETROPOLITANAS NA RMBH, 1970-2010**

A evolução do número de migrantes intrametropolitanos da RMBH, registrado pelos Censos de 1980, 1991, 2000 e 2010, é apresentada na Tabela 3. Conforme se pode observar nos dados dessa Tabela, a ausência das séries completas dos dados de migração de data fixa e última etapa não permitem traçar uma trajetória para a evolução dos fluxos migratórios intrametropolitanos em uma mesma modalidade de levantamento das informações de migração.

---

<sup>4</sup> Conforme a documentação dos Censos Demográficos, a data de referência para as migrações de data fixa são: (i) 01/09/1986, no Censo 1991; (ii) 31/07/1995, no Censo de 2000; (iii) 31/07/2005 no Censo de 2010.

**TABELA 3**  
**Migrantes intrametropolitanos de última etapa e data fixa – anos de 1980, 1991, 2000 e 2010 – RMBH**

Migrantes intrametropolitanos	1980 <sup>(1) *</sup>		1991 <sup>(2)</sup>		2000 <sup>(3)</sup>		2010 <sup>(4)</sup>	
	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.	Abs.	Perc.
Migrantes de última etapa	222.496	100,0	325.625	100,0	-	-	365.111	100,0
... Núcleo-periferia	161.685	72,7	232.468	71,4	-	-	213.908	58,6
... Periferia-núcleo	23.553	10,6	18.200	5,6	-	-	34.779	9,5
... Periferia-periferia	37.258	16,7	74.957	23,0	-	-	116.424	31,9
Migrantes de data fixa	-	-	169.826	100,0	225.282	100,0	184.030	100,0
... Núcleo-periferia	-	-	120.863	71,2	141.136	62,6	107.136	58,2
... Periferia-núcleo	-	-	8.650	5,1	17.228	7,6	15.316	8,3
... Periferia-periferia	-	-	40.313	23,7	66.918	29,7	61.578	33,5

Fonte: Elaborado a partir dos microdados dos Censos Demográficos de 1980, 1991, 2000 e 2010 – IBGE.

Notas: (1) migrante de última etapa 1970-1980, (2) migrante de data fixa 1986-1991 e migrante de última etapa 1981-1991, (3) migrante de data fixa 1995-2000, (4) migrante de data fixa 2005-2010 e migrante de última etapa 2000-2010.

\* No Censo Demográfico de 1980, o número de migrantes intrametropolitanos com menos de 5 anos de residência no município de destino apresentam os seguintes valores: 120,6 mil pessoas no sentido núcleo-periferia, 13,3 mil pessoas no sentido periferia-núcleo e 26,4 mil pessoas no sentido periferia-periferia, totalizando um conjunto de 160,4 mil migrantes. Em termos percentuais, os sentidos desse fluxo tem uma distribuição de 75,2%, 8,3% e 16,5%, respectivamente.

Considerando os dados de migração de última etapa, pode-se notar uma tendência de crescimento absoluto no número de migrantes intrametropolitanos. No Censo de 1980, foram contabilizadas mais de 222,4 mil pessoas, passando para 325,6 mil, no Censo de 1991, alcançando 365,1 mil pessoas no Censo de 2010. Por outro lado, essa trajetória não parece ser linear, tendo em vista os resultados dos dados de migração de data fixa.

Consoante os dados da Tabela 3, as informações de migração de data fixa captam uma trajetória irregular nas mudanças do número absoluto de migrantes intrametropolitanos. Pode-se notar que os fluxos migratórios intrametropolitanos apresentaram uma trajetória de crescimento absoluto entre os Censos de 1991 e 2000, mas uma trajetória de decréscimo entre os Censos de 2000 e 2010. Apesar desse declínio na primeira década do século XXI, observa-se que o número de migrantes intrametropolitanos, em 2010, se manteve maior em relação a 1991.

O fluxo migratório intrametropolitano de sentido núcleo-periferia é a direção dominante dos fluxos na RMBH. Entretanto, é interessante observar que os fluxos migratórios de sentido núcleo-periferia apresentam uma tendência regular de declínio na concentração proporcional dos fluxos migratórios intrametropolitanos. Os fluxos migratórios de sentido periferia-periferia aumentaram em número absoluto e ganharam importância na distribuição proporcional das migrações intrametropolitanas.

Com base nos dados de data fixa, pode-se notar que o declínio absoluto do número de migrantes, na comparação entre os Censos de 2000 e 2010, foi mais acentuado nos fluxos migratórios de sentido núcleo-periferia do que no sentido periferia-periferia, o que contribuiu para reforçar a tendência de aumento da importância relativa desse fluxo na composição das migrações intrametropolitanas do último Censo.

Os fluxos migratórios intrametropolitanos de sentido periferia-periferia, que, no Censo de 1980, apresentam uma contribuição em torno de 15% dos fluxos migratórios, passam, no ano de 2010, a responderem por um terço dos fluxos intrametropolitanos. Esses resultados apontam para um aumento em importância das relações no interior da periferia metropolitana para os processos de redistribuição espacial da população.

## 5.1. Migrações intrametropolitanas, 1980

Na Matriz 1, apresentam-se as informações sobre a origem e o destino dos migrantes intrametropolitanos de última etapa, registrados no censo de 1980. Como se pode notar, a origem principalmente dos migrantes é o núcleo metropolitano, Belo Horizonte, cujo fluxo em direção à periferia corresponde 73% dos migrantes intrametropolitanos. Os principais destinos dos migrantes de sentido núcleo-periferia foram os vetores Oeste e Norte-Central, que juntos receberam 84% desse fluxo. Os fluxos com origem em Belo Horizonte em direção a esses dois vetores responderam por 61% do total de migrantes intrametropolitanos.

**MATRIZ 1**

**Origem e destino dos migrantes intrametropolitanos de última etapa, 1970/1980 – RMBH**

Origem do migrante intrametropolitano	Destino do migrante intrametropolitano							Total
	Vetor Leste	Vetor Norte	Vetor Norte Central	Vetor Oeste	Vetor Sudoeste	Vetor Sul	Belo Horizonte	
Vetor Leste	431	349	705	1.052	36	408	3.189	6.170
Vetor Norte	269	3.671	2.286	903	166	94	5.601	12.990
Vetor Norte-Central	197	959	831	1.171	96	24	2.029	5.307
Vetor Oeste	309	245	1.820	9.935	1.148	258	5.003	18.718
Vetor Sudoeste	42	302	282	2.410	618	166	2.087	5.907
Vetor Sul	340	167	369	3.261	829	1.109	5.644	11.719
Belo Horizonte	13.682	4.212	50.154	85.924	4.527	3.186	-	161.685
Total	15.270	9.905	56.447	104.656	7.420	5.245	23.553	222.496

Fonte: Elaborado a partir dos microdados do Censo Demográfico de 1980 – IBGE.

As migrações de sentido periferia-periferia respondem por 17% dos migrantes intrametropolitanos. Os principais vetores de origem desses migrantes são o Oeste, Norte e Sul, com participações de 37%, 20% e 16%, respectivamente, sobre esse fluxo. Os principais vetores de destinos são Oeste, Norte-Central e Norte, com uma participação de 50%, 17% e 15% sobre o destino dos fluxos periferia-periferia. A principal área de troca migratória na periferia metropolitana se situa dentro do próprio vetor Oeste.

As migrações de sentido periferia-núcleo respondem por 11% do total de fluxos migratórios intrametropolitanos. Os principais vetores de origem desse fluxo foram o Norte e o Sul, que responderam igualmente por 24% desse fluxo, seguido pelo vetor Oeste, com 21%.

Com base nos dados de migração de última etapa do Censo de 1980, pode-se concluir que os fluxos migratórios intrametropolitanos, durante a década de 70, foram marcadamente de sentido núcleo-periferia, com direções concentradas principalmente no vetor Oeste, seguido pelo vetor Norte-Central. As migrações de sentido periferia-periferia estendem-se ao conjunto do espaço metropolitano, com trocas envolvendo menor número de pessoas.

## 5.2. Migrações intrametropolitanas, 1991

Na Matriz 2, apresentam-se as informações sobre a origem e o destino dos migrantes intrametropolitanos de última etapa, registrados no censo de 1991. As migrações intrametropolitanas de última etapa desse Censo apresentam uma distribuição proporcional com algumas diferenças em relação ao Censo de 1980, com destaque para o crescimento em importância do vetor Norte-Central, que, junto ao vetor Oeste, reforçaram-se como direções fundamentais das migrações intrametropolitanas do período.

**MATRIZ 2**

**Origem e destino dos migrantes intrametropolitanos de última etapa, 1981/1991 – RMBH**

Origem do migrante intrametropolitano	Destino do migrante intrametropolitano							Total
	Vetor Leste	Vetor Norte	Vetor Norte Central	Vetor Oeste	Vetor Sudoeste	Vetor Sul	Belo Horizonte	
Vetor Leste	557	456	1.838	1.423	69	286	2.241	6.870
Vetor Norte	334	3.463	1.876	1.070	336	96	2.938	10.113
Vetor Norte-Central	758	1.594	4.738	3.247	824	208	2.363	13.732
Vetor Oeste	519	336	7.630	29.263	3.427	657	5.982	47.814
Vetor Sudoeste	10	42	735	2.473	608	261	1.994	6.123
Vetor Sul	338	325	650	2.496	794	1.220	2.682	8.505
Belo Horizonte	10.132	6.582	93.051	109.540	8.747	4.416	-	232.468
Total	12.648	12.798	110.518	149.512	14.805	7.144	18.200	325.625

Fonte: Elaborado a partir dos microdados do Censo Demográfico de 1991 – IBGE.

As migrações de sentido núcleo-periferia responderam por 71% do total dos fluxos migratórios intrametropolitanos. Os vetores Oeste e Norte-Central permaneceram como principais destinos desse fluxo, ao passo que, esses dois vetores foram o destino de 87% dos migrantes que saíram do núcleo metropolitano em direção à periferia. Somente os fluxos de Belo Horizonte, em direção a esses dois vetores, respondeu por 62% do total de fluxos migratórios intrametropolitanos.

No Censo de 1991, os fluxos de sentido periferia-periferia aumentaram proporcionalmente em relação ao Censo anterior, respondendo por 23% do total de migrantes intrametropolitanos. A principal origem desses migrantes é o Vetor Oeste, que responde por 53% desse fluxo, seguido de longe pelo vetor Norte-Central, com 15%. O destino principal do fluxo periferia-periferia também foram os vetores Oeste e Norte-Central, que atraíram 53% e 23% desses migrantes, respectivamente.

A importância do vetor Oeste na composição dos fluxos migratórios intrametropolitanos de sentido periferia-periferia se explica principalmente pela articulação entre os próprios municípios que integram o vetor, pois somente essas trocas responderam por 40% das migrações no interior da periferia. A interação com os vetores Norte-Central e Sudoeste reforça o papel do vetor Oeste na periferia metropolitana.

Os fluxos migratórios de sentido periferia-núcleo apresentaram redução em relação ao período anteriormente analisado. Esses fluxos responderam por 6% do total de migrantes intrametropolitanos. Por outro lado, o vetor Oeste se tornou a principal origem desses fluxos, respondendo por um terço dos migrantes que saíram da periferia em direção à Belo Horizonte.

Em suma, as migrações intrametropolitanas reforçaram a redistribuição da população metropolitana, transferindo população do núcleo para a periferia, principalmente na direção dos vetores Oeste e Norte-Central. Esses dois vetores concentraram também os fluxos de sentido periferia-periferia e se transformaram nas áreas fundamentais de destino dos fluxos migratórios intrametropolitanos, durante a década de 80. Somente os vetores Oeste e Norte-Central receberam 80% dos migrantes intrametropolitanos.

### 5.3. Migrações intrametropolitanas, 2000

Na Matriz 3, apresentam-se as informações sobre a origem e o destino dos migrantes intrametropolitanos de data fixa, registrados no censo de 2000. Como já apontando anteriormente, o Censo de 2000 não introduziu as informações de município de origem para os migrantes de última etapa, o que explica o uso da informação de data fixa para as análises dos fluxos migratórios intrametropolitanos.

**MATRIZ 3**

**Origem e destino dos migrantes intrametropolitanos de data fixa, 1995/2000 – RMBH**

Origem do migrante intrametropolitano	Destino do migrante intrametropolitano							Total
	Vetor Leste	Vetor Norte	Vetor Norte Central	Vetor Oeste	Vetor Sudoeste	Vetor Sul	Belo Horizonte	
Vetor Leste	197	220	1.284	1.198	448	17	1.604	4.968
Vetor Norte	133	1.781	1.191	467	211	113	1.570	5.466
Vetor Norte-Central	385	1.503	4.641	2.657	1.712	171	3.742	14.811
Vetor Oeste	816	664	6.758	23.616	8.619	1.108	8.273	49.854
Vetor Sudoeste	77	206	462	1.523	899	183	754	4.104
Vetor Sul	375	192	417	1.337	365	972	1.285	4.943
Belo Horizonte	7.686	7.006	51.844	58.540	10.406	5.654	-	141.136
Total	9.669	11.572	66.597	89.338	22.660	8.218	17.228	225.282

Fonte: Elaborado a partir dos microdados do Censo Demográfico de 2000 – IBGE.

Com base nas informações de data fixa dos demais Censos, conforme discutido na parte inicial dessa seção, é provável que a década de 90 tenha sido o momento que envolveu o maior número de



peças realizando as migrações intrametropolitanas, desde a década de 70. Os dados de migração, apresentadas pelo Censo de 2000, revalam algumas mudanças importantes em relação aos períodos anteriormente analisados, com destaque para o crescimento na proporção das migrações no interior da periferia metropolitana.

Os fluxos migratórios intrametropolitanos de sentido núcleo-periferia tiveram a menor proporção em relação aos períodos anteriormente analisados. O que é interessante destacar é o declínio proporcional. No Censo de 1980, esses fluxos eram de 73%, passando para 71% em 1991. No Censo de 2000, os fluxos de sentido núcleo-periferia passam para 63% do total dos fluxos migratórios intrametropolitanos.

No Censo de 2000, assim como nos períodos anteriores, os principais destinos do fluxo migratório núcleo-periferia permanecem sendo os vetores Oeste e Norte-Central, que juntos concentraram 78% dos migrantes que saíram de Belo Horizonte em direção à área periférica. Devido ao aumento dos fluxos migratórios em outras direções, os migrantes de sentido núcleo-periferia que se deslocaram em direção aos vetores Oeste e Norte-Central responderam por 49% do total de migrantes intrametropolitanos. Esse percentual reflete as mudanças ocorridas em relação aos períodos anteriores, em que se destaca, por um lado, um pequeno aumento relativo dos fluxos de sentido núcleo-periferia para os demais vetores, e, por outro, pelo aumento da importância dos fluxos migratórios no interior da periferia metropolitana.

Os fluxos migratórios de sentido periferia-periferia responderam por 30% do total dos fluxos migratórios intrametropolitanos. Esse percentual foi o mais alto em relação aos resultados apresentados pelos Censos de 1980 e 1991, quando esses fluxos passaram de 17% para 23% dos fluxos migratórios intrametropolitanos.

A principal área de origem das migrações de sentido periferia-periferia é vetor Oeste, que respondeu por 62% desse fluxo, seguido pelo vetor Norte-Central com 17%, enquanto os demais vetores mantiveram contribuições em torno de 5% cada um. Os principais vetores de destinos dos fluxos migratórios de sentido periferia-periferia são o Oeste, Norte-Central e Sudoeste, concentrando 46%, 22% e 17% desse fluxo, respectivamente.

Nas trocas migratórias no interior da periferia metropolitana se destacam as articulações dentro do próprio vetor Oeste e dos fluxos que partem desse vetor para os vetores Norte-Central e Sudoeste. Em menor proporção, se destacam as articulações dentro do próprio vetor Norte-Central e dos fluxos que partem desse vetor para os vetores Oeste e Sudoeste. Contudo, o vetor Oeste perde população para os vetores Norte-Central e Sudoeste.

Os fluxos migratórios de sentido periferia-núcleo responderam por 8% do total de migrantes intrametropolitanos. O vetor Oeste se consolidou como a principal origem desses fluxos, respondendo 48% do total de migrantes que saíram da periferia em direção à Belo Horizonte, seguido pelo vetor Norte-Central, que respondeu por 22% desse fluxo.

#### 5.4. Migrações intrametropolitanas, 2010

Na Matriz 4, apresentam-se as informações sobre a origem e o destino dos migrantes intrametropolitanos de última etapa, registradas no Censo de 2010. As migrações intrametropolitanas de última etapa desse censo não apresentam mudanças consideráveis na distribuição proporcional dos fluxos migratórios em relação ao Censo anterior, mas reforça as tendências em curso nas décadas anteriores no que se refere a alterações nas orientações dos fluxos.

**MATRIZ 4**

**Origem e destino dos migrantes intrametropolitanos de última etapa, 2000/2010 – RMBH**

Origem do migrante intrametropolitano	Destino do migrante intrametropolitano							Total
	Vetor Leste	Vetor Norte	Vetor Norte Central	Vetor Oeste	Vetor Sudoeste	Vetor Sul	Belo Horizonte	
Vetor Leste	324	457	1.845	1.301	470	260	3.640	8.297
Vetor Norte	379	3.237	2.630	1.604	207	132	2.824	11.013
Vetor Norte-Central	944	3.333	8.685	5.557	2.459	568	7.731	29.277
Vetor Oeste	923	1.317	10.151	37.705	12.856	2.379	12.744	78.075
Vetor Sudoeste	342	187	1.706	4.924	2.296	478	2.043	11.976
Vetor Sul	321	262	617	3.888	491	1.189	5.797	12.565
Belo Horizonte	12.750	14.697	72.760	84.199	18.288	11.214	-	213.908
Total	15.983	23.490	98.394	139.178	37.067	16.220	34.779	365.111

Fonte: Elaborado a partir dos microdados do Censo Demográfico de 2010 – IBGE.

No Censo de 2010, as migrações intrametropolitanas de sentido núcleo periferia apresentam uma participação de 59% sobre a distribuição proporcional dos fluxos migratórios intrametropolitanas. Assim como nos períodos anteriormente analisados, os vetores Oeste e Norte-Central concentraram a maior parte desse fluxo, recebendo 73% dos migrantes que partiram de Belo Horizonte em direção à periferia. Esse fluxo migratório do núcleo metropolitano para os vetores Oeste e Norte-Central respondeu por 43% de todos os migrantes intrametropolitanos.

As migrações de sentido periferia-periferia responderam por 32% do total dos fluxos migratórios intrametropolitanos. As principais áreas de origem desses fluxos são o vetor Oeste, com 56% desse fluxo, seguido pelo vetor Norte-Central, com 19%. Esses mesmos vetores também são as principais áreas de destino dos fluxos migratórios no interior da periferia metropolitana, sendo vetor Oeste responsável por atrair 47% desse fluxo, o vetor Norte-Central por 22%, seguido pelo vetor Sudoeste com 16%. As principais articulações no interior da periferia metropolitana se dão entre os vetores Oeste, Norte-Central e Sudoeste, sendo que o vetor Oeste perde população nas trocas migratórias com esses vetores.

Os migrantes de sentido periferia-núcleo foram responderam por 10% do total dos fluxos migratórios intrametropolitanos. O vetor Oeste é a principal origem desses fluxos, respondendo por 37%, seguido pelos vetores Norte-Central e Sudoeste, que contribuíram com 22% e 17%, respectivamente.

Com base nos dados de migração de última etapa do Censo de 2010, pode-se dizer que os fluxos migratórios intrametropolitanos, durante a primeira década desse século, mantiveram a tendência de redução proporcional das migrações de sentido núcleo-periferia, ao passo que, as migrações de sentido periferia-periferia crescem em importância relativa. As migrações em direção aos vetores Oeste e Norte-Central tiveram uma redução na distribuição proporcional, em relação aos períodos anteriores, sem, contudo, reduzir a importância desses dois vetores, que foram o destino de 65% do total de migrantes intrametropolitanos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As migrações intrametropolitanas são parte do processo de expansão urbana das metrópoles, contribuindo para aprofundar a interação entre os municípios da área metropolitana. Pode-se dizer que o crescimento populacional das periferias metropolitanas brasileiras se deve, em parte, ao processo de redistribuição espacial da população, que se expressa pela direção e intensidade dos fluxos migratórios intrametropolitanos.

Na RMBH, os fluxos migratórios intrametropolitanas apresentaram uma trajetória de crescimento absoluto entre os Censos de 1980, 1991 e 2000, mas uma trajetória de decréscimo entre os Censos de 2000 e 2010. Apesar desse declínio na comparação entre os dois últimos Censos, observa-se que o número de migrantes intrametropolitanos, em 2010, se manteve em maior número em relação ao Censo de 1991.

A análise dos fluxos migratórios intrametropolitanos de Belo Horizonte, a partir dos vetores de expansão urbana metropolitanos, demonstraram que as migrações na RMBH tiveram como sentido principal a direção núcleo-periferia, com a formação de espaços diferenciados, o que distingue os vetores de expansão urbana por sua força de atração desses fluxos migratórios.

O vetor Oeste, seguido pelo vetor Norte-Central, foram os vetores mais afetados pelos fluxos migratórios intrametropolitanos. Esses dois vetores foram as áreas da periferia metropolitana que atraíram a maior parte dos migrantes que deixaram Belo Horizonte para residir na periferia. Os dados dos Censos de 1980 e 1991 indicam que as migrações intrametropolitanas tiveram as maiores concentrações nos fluxos migratórios de sentido núcleo-periferia e, conseqüentemente, os mesmos estão relacionados à concentração dos fluxos migratórios na direção dos vetores Oeste e Norte-Central. Nos Censos de 2000 e 2010, o declínio proporcional dos fluxos migratórios de direção núcleo-periferia reduziu, em parte, a concentração dos fluxos migratórios na direção desses dois vetores.

Apesar do declínio relativo dos fluxos migratórios de sentido núcleo-periferia, as migrações de sentido periferia-periferia ganharam maior intensidade e, em certa medida, contribuí para manter o papel dos vetores Oeste e Norte-Central na concentração dos fluxos migratórios intrametropolitanos. Isso se explica pelo fato destes dois vetores serem as principais áreas de origem e destino desses fluxos, com trocas entre os municípios dos vetores e entre os próprios vetores.

Pode-se afirmar que os vetores Oeste e Norte-Central concentram os principais municípios da periferia metropolitana que se transformaram em área de destino preferencial dos migrantes

intrametropolitanos, a saber, Contagem, Betim, Ribeirão das Neves, Santa Luzia, Ibirité e Vespasiano. Por outro lado, esses mesmo vetores agregam municípios que surgem com importância distinta sobre a trajetória das migrações intrametropolitanas, particularmente os municípios de Sarzedo, Mário Campos e São José da Lapa, que se formaram na década de 1990, por processo de emancipação de distrito.

Os vetores Norte, Sul, Leste e Sudoeste tiveram uma participação mais modesta na concentração dos fluxos migratórios intrametropolitanos de sentido núcleo-periferia, mas com uma trajetória crescente entre os períodos analisados. Por outro lado, nas migrações de sentido periferia-periferia, esses vetores apresentaram um aumento na atratividade, com destaque para o vetor Sudoeste.

Deve-se observar que apesar dos vetores de expansão urbana Norte, Sul, Leste e Sudoeste se apresentarem como um agrupamento de municípios com menor importância na dinâmica das trocas demográfica metropolitanas, os mesmos não deixam de reunir alguns municípios que se destacam na atração dos fluxos migratórios intrametropolitanos. Em um estudo sobre os fluxos migratórios, cujo nível da análise seja municipal, alguns municípios desses vetores devem receber maior atenção, como é o caso de Sabará no Vetor Leste, Nova Lima no vetor Sul, Lagoa Santa no vetor Norte e Esmeraldas no vetor Sudoeste.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAENINGER, Rosana. Crescimento das cidades: metrópole e interior do Brasil. In: \_\_\_\_ (org.). *População e cidades: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais*. Campinas: NEPO/Unicamp; Brasília: UNFPA, 2010. p. 209-222.
- BRITO, Fausto. Urbanização, metropolização e mobilidade espacial da população: um breve ensaio além dos números. In: TALLER NACIONAL SOBRE MIGRACIÓN INTERNA Y DESARROLLO EN BRASIL: DIAGNÓSTICO, PERSPECTIVAS Y POLÍTICAS, 2007, Brasília. Comisión Económica para América Latina y el Caribe, 2007.
- BRITO, Fausto. Mobilidade espacial e expansão urbana: o caso da Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, X, 1996, Caxambu. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 1996, v.2, p. 771-788.
- BRITO, Fausto; SOUZA, Joseane de. A expansão urbana nas grandes metrópoles: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.19, nº 4, p. 48-63, out./dez. 2005.
- CARVALHO, José A. Magno de; RIGOTTI, José I. Rangel. Os dados censitários brasileiros sobre migrações internas: algumas sugestões para análise. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Brasília, v. 15, n. 2, p.7-17, jul./dez., 1998.
- CORREA, Roberto Lobato. O espaço metropolitano e sua dinâmica. *Anuário do Instituto de Geociências*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 24-29, 1994.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Banco de dados agregados - Censo Demográfico e Contagem da População. In: IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2000ru.asp?o=13&i=P>>. Acesso em maio de 2012.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. RM atualizada 2010. Ano de [2011?]. (Documento em formato xls). Disponível em: <[ftp://geoftp.ibge.gov.br/organizacao\\_territorial/municipios\\_por\\_regioes\\_metropolitanas/](ftp://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_territorial/municipios_por_regioes_metropolitanas/)>. Acesso em maio de 2012.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA; INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE; UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP. *Caracterização e tendências da rede urbana do Brasil: configurações atuais e tendências da rede urbana*. Brasília: IPEA, 2001.
- MARTINE, George; MCGRANAHAN, Gordon. A transição urbana brasileira: trajetória dificuldades e lições aprendidas. In: BAENINGER, Rosana (Org.). *População e cidades: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais*. Campinas: NEPO/Unicamp; Brasília: UNFPA, 2010. p. 11-24.
- MINAS GERAIS. Lei Complementar nº 89 de 12 de janeiro de 2006. Dispõe sobre a Região Metropolitana de Belo Horizonte. Belo Horizonte, 2006. Disponível em:

<[http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LCP&num=89&comp=&ano=2006&aba=js\\_textoOriginal#texto](http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa.html?tipo=LCP&num=89&comp=&ano=2006&aba=js_textoOriginal#texto)>. Acesso em maio de 2012.

MOURA, Heloisa S. Habitação e produção do espaço em Belo Horizonte. In: MONTE-MÓR, Roberto. L. de Melo. Belo Horizonte: espaços e tempos em construção. Belo Horizonte: CEDEPLAR: PBH, 1994. p. 51-77. (Coleção BH 100 anos, vol. 1).

MOURA, Rosa et al. *Hierarquização e identificação dos espaços urbanos*. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2009. Organizado por Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro. (Série Conjuntura Urbana, vol. 1).

NUNES, Léssio Lourenço. *Mobilidade populacional na Região Metropolitana de Belo Horizonte: o caso dos municípios do Eixo da Linha Verde - 1991/2000*. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

PINHO, Breno A. T. D. de. *Mobilidade pendular e mercado de trabalho na Região Metropolitana de Belo Horizonte: uma análise a partir dos dados dos censos demográficos*. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

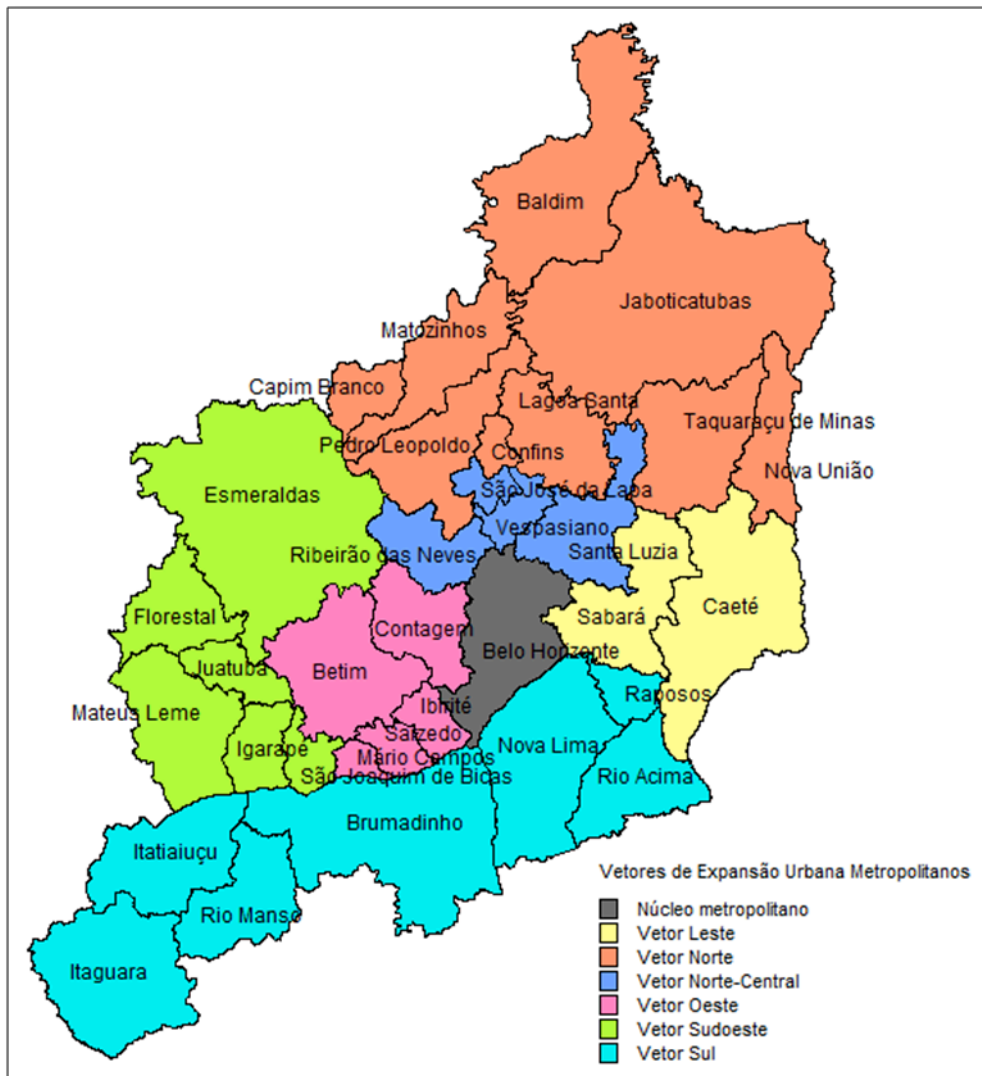
SOUZA, Joseane de. *A expansão urbana de Belo Horizonte e da Região Metropolitana de Belo Horizonte: o caso específico do município de Ribeirão das Neves*. 2008. 232 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SOUZA, Renata G. Vieira de. *A expansão urbana da Região Metropolitana de Belo Horizonte e suas implicações para a distribuição espacial da população: o caso do município de Nova Lima - 1991/2000*. 2005. 94 f. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

## APÊNDICE

**FIGURA A1**

**Municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte, segundo núcleo metropolitano e vetores de expansão urbana metropolitanos**



Fonte: Elaborado a partir da malha digital municipal 2010 – IBGE.

Nota: A distribuição dos municípios metropolitanos em vetores de expansão urbana metropolitanos segue a elaboração de Brito e Souza (2005).